

## COLUNA

# OBÌNRIN, TAMBOR E GUITARRA: RITA LEE E A ARTE DE NÃO CALAR NA MOCIDADE DE PADRE MIGUEL

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva<sup>1</sup>  
Eliezer Gonçalves Cordeiro<sup>2</sup>

**A**ntes de qualquer comissão de frente aparecer, já dá pra sentir: vai ter guitarra imaginária na Sapucaí. A Mocidade Independente de Padre Miguel resolveu eletrificar 2026 escolhendo Rita Lee como enredo — e não é exagero dizer que essa união faz mais sentido do que muito acorde bem resolvido. Rita nunca foi musa de pedestal; foi faísca. E a Mocidade adora incêndio criativo. A escolha do samba, madrugada adentro na Zona Oeste, foi mais do que disputa interna: foi rito de celebração. A Verde e Branca escolheu cantar uma mulher que atravessou a música brasileira com humor afiado, inteligência pop e uma liberdade que nunca coube em moldura. Rita fazia rock como quem escreve crônica social: rindo, cutucando e desmontando o moralismo com uma piscadela de olho. Rita Lee não construiu carreira pedindo desculpa. Foi pioneira num terreno onde mulheres eram convidadas a cantar bonito e ficar quietas. Ela fez o contrário: falou alto, brincou com o próprio corpo, ironizou o poder e transformou irreverência em linguagem artística. Quando

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

<sup>2</sup> Professor Substituto na UERJ; Mestrando em Educação pela UFRRJ.

tentaram enquadrá-la, ela respondeu com letra, gesto e gargalhada. Isso não é só atitude — é método.

A Mocidade entende bem esse espírito. Escola que sempre flertou com o futurismo, com a abstração e com o impacto visual, nunca teve medo de parecer “estranha” demais. E Rita sempre foi estranha no melhor sentido: aquela que chega antes, bagunça o ambiente e depois vira referência. O encontro das duas não é homenagem protocolar; é reconhecimento de parentesco estético. Na avenida, o desfile promete mais do que memória afetiva. Rita não será lembrada como ícone engessado, mas como energia em circulação. Suas canções, suas provocações e seu humor atravessam gerações porque falam de autonomia, prazer, inteligência e recusa à caretice crônica que insiste em reaparecer no Brasil. Rita segue atual porque nunca se acomodou no seu tempo. Celebrar Rita Lee em 2026 é também afirmar que o carnaval pode ser pop sem ser raso, político sem ser panfletário e crítico sem perder a leveza. A Mocidade aposta nessa mistura — e acerta. Porque, no fundo, Rita sempre soube o que muita gente demora a aprender: liberdade é coisa séria, mas não precisa ser sisuda.

E não tem como falar de Rita sem ouvir a trilha sonora da própria vida passando na cabeça. Tem música dela que virou frase de cotidiano, código afetivo, senha de geração. “Ovelha Negra” virou hino de quem nunca coube no álbum de família perfeito. “Agora Só Falta Você” ensinou que despedida também pode ser libertação. “Lança Perfume” escancarou prazer num país que sempre fingiu pudor. “Mania de Você” transformou desejo em poesia pop sem culpa, sem culpa mesmo, sem latim moralizante no rodapé. Rita conseguiu algo raro: ser popular sem ser rasa, ser acessível sem ser burra, ser cantada em churrasco e estudada em tese. E tem outra camada que muita gente esquece: Rita Lee era profundamente literária. Leitora voraz, amante de livros, construtora de narrativas. Suas letras não são só músicas — são pequenas crônicas, cenas, personagens, vozes. Ela escrevia como quem conta história, como quem constrói personagem, como quem sabe ritmo de frase. Não é à toa que sua autobiografia virou sucesso: Rita sabia narrar a própria vida como obra, sem

vitimização, sem glamour artificial, sem mito fabricado. Ela escrevia com ironia, memória e inteligência — coisa de quem entende linguagem, não só melodia.

Rita dialogava com a literatura no humor, na sátira, na construção simbólica. Tinha algo de bruxa de conto, de personagem de romance urbano, de heroína torta de ficção contemporânea. Sua obra é cheia de arquétipos reinventados: a mulher livre, a outsider, a transgressora doce, a crítica debochada. Tudo isso embalado em canção, mas com densidade de texto. Rita nunca foi só cantora — foi autora no sentido pleno da palavra. Quando a Mocidade leva Rita pra avenida, leva também esse acervo de memória sonora e literária. Leva canção que virou identidade, verso que virou lema, ironia que virou escudo coletivo. Cada música dela é um pedaço da história emocional do Brasil urbano, especialmente de quem aprendeu a existir fora da norma. E isso, no carnaval, vira potência simbólica. Porque no fundo, Rita Lee não marcou só por ter cantado bem. Marcou porque disse coisas que ficaram. Disse com humor, com deboche, com ternura, com inteligência. Disse em forma de música, mas com alma de texto. E agora, na Sapucaí, essas palavras viram corpo, cor, ritmo e desfile — como se a própria obra dela tivesse aprendido a sambar.

E se tem um capítulo da trajetória de Rita Lee que nunca foi confortável — e justamente por isso precisa ser lembrado — é a relação dela com a Ditadura Militar e com os conservadores de plantão do seu tempo. Rita atravessou os anos de chumbo fazendo exatamente o que o regime mais detestava: pensando, ironizando e aparecendo. Num período em que o Estado queria corpos obedientes e vozes em fila, ela surgiu colorida, irreverente e barulhenta. Um escândalo político em forma de canção. Rita foi censurada, vigiada, perseguida. Teve letras cortadas, shows monitorados e passou pela experiência nada metafórica da repressão direta — prisão, intimidação, enquadramento. E o mais interessante: ela nunca vestiu a fantasia da mártir sisuda. Resistiu rindo, debochando, fazendo da ironia uma arma mais afiada do que muito discurso inflamado. Enquanto o regime falava grosso, Rita afinava o sarcasmo. E isso, para o autoritarismo, é insuportável. Os conservadores da época — esses que sempre se apresentam como defensores da “família”, da “moral” e dos “bons

costumes” — viam Rita como ameaça dupla: mulher que falava demais e artista que não respeitava hierarquia. Ela cantava sobre prazer, autonomia, desejo feminino e liberdade num país que preferia fingir pudor enquanto reprimia tudo à força. Rita expôs a contradição central do conservadorismo brasileiro: grita moral, mas treme diante da liberdade. E tem algo delicioso nisso tudo: o tempo passou, a ditadura caiu, muitos censores sumiram da história — e Rita ficou. As músicas sobreviveram. Os conservadores envelheceram mal. Aquilo que era visto como escândalo virou referência cultural. Aquilo que era “ameaça aos bons costumes” virou trilha sonora de gerações. Rita venceu não porque gritou mais alto, mas porque falou melhor. Na Sapucaí, esse passado reaparece não como museu, mas como alerta. Porque toda vez que alguém tenta ressuscitar a caretice autoritária com discurso novo, Rita Lee volta a soar atual. E a Mocidade, ao cantar essa história, lembra em alto volume: o Brasil já tentou calar a irreverência antes — e falhou. Vamos ao samba?

*Um belo dia resolvi mudar  
Cansei dessa gente careta  
Aos seus bons costumes, eu sinto informar  
Formei outras ovelhas negras  
A diferentona do verbo sem freio  
Pra farda, uma língua e o dedo do meio  
Cabelo de fogo e a lente encarnada  
Mutante da pele marcada  
Tranco rock e samba pra sentir prazer  
Agora só falta você...  
Agora só falta você!*

*Sou Independente, fácil de amar  
Livre de qualquer censura  
Vem, baila comigo, só de te olhar  
Posso imaginar loucuras*

*Amor é pra sempre o corpo compondo entre a boca  
e o ventre*

*Dedilha a guitarra... arranca as amarras e me bebe  
quente*

*Meu doce vampiro além do querer*

*Desculpe o auê!*

*Se é caso sério, eu lanço perfume, aumenta o  
volume*

*Que eu banco a verdade*

*Não adianta prender*

*Santa Rita “Leeberdade”*

*Vem, seja Pagu, se entrega*

*Quem foge ao padrão vence a regra*

*A voz feminina, plural*

*Assina a estrela no meu carnaval*

*Mocidade, ê-ê-ê-ê-ê*

*Minha Mocidade, voltei por você!*

*Desbaratina a razão, se joga, meu bem*

*No céu, no mar, na lua...*

*Na Vila Vintém*

*(Mocidade, 2026)*